

PALESTRA PARA O CAFÉ-FILOSÓFICO
Instituto Jacques Maritain

O TEMA DO AMOR EM ORÍGENES

(Alina Torres Monteiro)

Minhas irmãs e meus irmãos,

Meu compromisso convosco é o de falar sobre a visão do amor em Orígenes, principalmente aquela oferecida no seu Comentário ao Cântico dos Cânticos.

Trata-se de uma abordagem antropológico-mística.

A verdade é que a antropologia em Orígenes é sempre mística. Para ele, o homem tem as suas raízes no Mistério.

Este Mistério é o do amor divino. Deus cria todas as coisas a partir do nada! Este é um pensamento aterrador: nosso fundamento é o NADA! Flutuamos sobre o NADA!

Mas Deus quis esta passagem do nada ao ser por um impulso filantrópico de sua vontade.

Ele cria por amor e sustenta o que cria como exigência desse amor. Ele quis amorosamente que existíssemos.

Quem crê neste Deus de amor, pode dizer com toda segurança que o nosso fundamento já não é simplesmente o NADA, mas o DESEJO AMOROSO DE DEUS.

Desde quando somos fruto desse desejo divino? Desde sempre, diria Orígenes. Aliás, esse “desde quando” é um problema com o qual Orígenes se deparou.

Na filosofia, Platão proclamava Deus criador e pai de todas as coisas!

Há que se compreender isto bem. Para os filósofos gregos, a matéria tinha que ser eterna. Este Deus criador de Platão é, na realidade, um organizador, um artífice, o demiurgo que lida com a matéria eterna. Esta última, caótica, amorfa, sem qualidades que será organizada no mundo sensível.

Ora, desde Parmênides que, do nada, não podia vir ao ser, coisa alguma.

Do nada, nada se produz.

Uma coisa, ou é, ou não é. Do **não é**, não pode surgir nada e, portanto, tem que haver uma matéria eterna como um dos princípios, junto com um princípio ordenador!

No oriente pagão, os deuses vão se desdobrar numa degradação extensiva, até que surja o cosmos e sua variedade, com o projeto implícito de um retorno ao deus e a reabsorção neste, de maneira que entre os seres não reste consciência própria ou diferenças.

Tudo sai do absoluto impessoal e volta a este absoluto.

Mas, a novidade da Revelação judaica vem nos dizer que Deus cria tudo do nada, por um ato de sua vontade, e o homem possui como causa existencial, esta vontade filantrópica.

Podemos falar como o mestre alexandrino neste Deus que é amor e nos quis sempre.

Orígenes vai mostrar que se em Deus não pode haver mudança, Ele não deixa nunca de ser o Criador. Não houve um tempo em que Deus não fosse Criador.

No entanto, ele tem que fugir a uma matéria eterna (pensamento platônico) e abraçar a Revelação de uma Criação ex-nihilo.

Como pode Deus ser eternamente Criador sem que haja criatura eterna?

Orígenes vai resolver a questão apelando ao desejo divino que é eterno, como é eterno o mundo desejado, ideal, e eterno o pensamento de um homem que nele há de habitar. Portanto, somos seres queridos desde sempre.

Ler Orígenes é sempre uma experiência mística.

Através dos sentidos espirituais que ele nos ajuda a descobrir, réplicas interiores dos sentidos sensíveis, apresentando-os como faculdades da alma, nós somos transportados ao nível do espanto, do deslumbramento, do silêncio.

Perdemos a noção de que possuíamos sentidos espirituais, por força do nosso pecado na origem, ou seja, nossa oposição à fonte do amor que nos criou e para a qual deveríamos estar para sempre voltados.

O uso exclusivo dos sentidos corpóreos nos levou a relativização de tudo.

Olhamos, mas não contemplamos. Tudo é apenas vagamente ouvido, saboreado, tocado, cheirado.

O grande legado de Orígenes pode ter sido a descoberta desses sentidos superiores que ele atesta com “enthousiasmos”, isto é, estando pleno de Deus.

São os sentidos espirituais que nos tornam cientes de sermos “capax Dei”.

Fazer a experiência de penetrar o pensamento de Orígenes, leva-nos a reavaliar a nossa maneira de viver o amor e viver do amor. Em suma, de viver amando.

Contamos com a Graça, é verdade. Mas nunca nos devemos esquecer de que a Graça não é uma influência automática vinda de longe, mas ternura de Deus que é presença do próprio Deus.

Um voto nosso nos lança nos braços da Graça, isto é certo, mas é só o começo do entendimento amoroso.

(Desconfiemos daquele “estado de graça” que três ave-marias resolvem depois de uma confissão!)

O estado de Graça é próprio apenas de quem está amando, a quem a consciência do pecado faz mergulhar na compunção, e cujo amor, alimentado pela Graça mesma, tende a progredir!

Viver o dinamismo da Graça é estar enamorado de Deus.

Aliás, como se ser cristão sem a Graça? Onde encontrar a força de integração pessoal para voltar-se continuamente para Deus?

Existe qualquer coisa de profundamente monástico neste desejo de Deus, nesta filantropia divina que quer que existamos para uma união de amor com Ele.

O cristão que não ama, não pode compreender nem apreender a razão de sua existência e, não amando, vive uma contradição existencial.

Orígenes se referirá muitas vezes a uma vida “contra-natura”.

Portanto, a filantropia divina que nos fez existir, nos lança num processo que tem seu itinerário e escopo.

É neste processo, para este itinerário e escopo que Orígenes nos quer conduzir e para o qual é necessário o pleno uso dos sentidos espirituais.

O Cântico dos Cânticos é um livro do Antigo Testamento.

Os judeus sempre viram nele um poema de amor que descreve a relação entre Deus e o seu Povo.

Os profetas darão conta de quanto este amor conturbado e passional, feito de encontros, alianças, namoro, esponsais, mas também de infidelidades, de repúdios, e depois de reencontros, de perdão, de abraços e beijos, de conhecimento e experiência íntima.

De certa forma, na sua visão da História da Salvação, que para ele é sempre uma história de amor, Orígenes guarda uma leitura muito aproximada daquela dos profetas, quando comenta o Cântico e fala dos encontros e desencontros da alma com Deus.

É necessário complementar que, após a interpretação judaica dada ao livro do Cântico, São Paulo fará nova leitura, apresentando o Esposo como o Cristo e a Esposa amada como a Igreja.

Orígenes manterá a leitura paulina, mas a sua própria experiência mística apontará uma terceira interpretação: o Esposo, certamente que é o Cristo, mas a Esposa, tanto pode ser a Igreja quanto cada alma.

A dele mesmo, que conforme confessa no seu Comentário, “arde de amor pelo Esposo”.

É interessante notar que a alma/Esposa jamais ama simplesmente. Ela está tomada por um sentimento que experimenta como “fogo”.

Ao longo de todo o Comentário as expressões de Orígenes se multiplicam neste sentido:

A Esposa “queima de um amor celeste”, ele escreve. Declara que, recebendo a ferida salutar (a ferida de amor) “arderemos com o fogo bem-aventurado do Seu amor”. Ele fala “neste amor espiritual do qual a alma está inflamada e está queimando”. Ela “está ardendo de desejo do Esposo”... “a um grau insuportável, mais inflamada de seu amor”... “uma

alma queimando de amor pela sabedoria de Deus”... “ardendo por sua justiça”...

Também nas Homilias ao Cântico, podemos encontrar referência à idéia de “fogo”, desta vez transposta por Orígenes ao plano pessoal, quando confessa; “Se... para a minha alma feita Esposa, (Ele) se dignar a vir... de que amor ela deverá arder...”

Podemos perguntar se é lícito, conveniente ou explicável amar a Deus com esta qualidade de amor. Orígenes responderá a isto dizendo que sim!

Comentando o Cântico dos Cânticos ele vai buscar no amor humano comparações para a resposta humana ao amor divino. Ele vai buscar a maneira humana de amar, pela qual o homem pode responder ao amor de Deus.

A beleza misteriosa que se manifesta no esposo e atrai a alma, não é deste século nem da realidade corpórea. Porém, o amor e desejo de que a alma é tomada, nascem de sua condição criatural e não poderia deixar de ser assim.

A criatura manifesta o seu amor com toda a carga de sensualidade e erotismo naturais a um ser de necessidade, mesmo frente ao Absoluto, e principalmente por ser assim o Esposo.

A razão da existência das criaturas dada por Orígenes é a de que foram criadas por amor e com o único propósito de viver a relação de amor com Deus. Em Orígenes, a vida do homem responde sempre à sua criação.

A queda foi um “esfriamento” neste amor, fruto do livre arbítrio. Amar é expressão de liberdade.

Sendo criatura, o homem não ama como Deus ama. Deus é Amor, dirá Orígenes repetindo São João, explicitando que o Filho “sendo de Deus” é Amor, e que o “Espírito Santo” que procede de Deus, é Amor.

Deus não tem necessidade nenhuma, pois seu amor é plenamente vivido dentro da relação Trinitária.

Orígenes dirá que, na criação, Deus insere no homem a capacidade de amar, aparentando-o a Ele, e fazendo com que o seu fim último seja a união amorosa ao próprio Deus. Deus dá ao homem o “poder amar”, para ama-Lo.

Nascemos para amar a Deus, de um amor que tem a duração de Vida eterna.

Mas o homem tem seu jeito de amar. Ele não ama como Deus a quem nada falta. Ele ama com concupiscência, com amor de desejo. Seu amor não é pura oblação, puro ágape, é EROS também.

O homem ama com amor erótico (Infelizmente em nosso tempo o “erótico” é compreendido como genital!) A dimensão erótica tem a ver com o homem inteiro, e não com uma parte dele!

O homem jamais poderia pretender responder ao amor de Deus, cujo ser não conhece carência, com um puro amor de doação. Isto seria considerado “úbris”, soberba.

Sendo a criatura um ser de necessidades, só pode amar desde esta sua realidade que subentende a faceta do desejo, a faceta erótica. Orígenes falará na necessidade de nos voltarmos para Deus tomados de uma “santa concupiscência”.

Platão havia reconhecido uma dupla vertente para EROS: o impulso para gerar, e o impulso que fazia ascender ao mundo transcendente, pela contemplação da beleza, pela pura atração ao belo puro.

Orígenes não descarta o simbolismo das duas vertentes: a alma, cada alma, deverá conceber do Logos e gerar o Logos, assim como viver no progresso espiritual atraída por Sua beleza fontal.

No Comentário, o mestre alexandrino vai identificar Cristo e Eros, não como fez Platão, como um deus secundário condutor da alma, mas como o condutor absoluto e o próprio Amor alvo. O Amor atrai ao Amor.

Se a figura tipológica da união do Cristo à Igreja é a união sexual entre o homem e a mulher (“e os dois serão uma mesma carne” – Gen 2,24), o Mistério da união de cada alma ao Logos, ele complementa com São Paulo, quando este diz que, aquele que se une a Deus, torna-se “um só espírito com ele” – 1 Cor 6,17.

É necessário notar que, eliminando o erotismo entre as criaturas, Orígenes vai transferir o impulso erótico natural nas criaturas, para o amor a Deus.

Também o amor de desejo contribui para a espiritualização do corpo!

Entretanto, Orígenes traçará a diferença entre o amor carnal e o amor espiritual. Ele aponta a compatibilidade entre o amor e desejo da alma, e o objeto desse amor e desse desejo.

Sem nunca fugir à componente do desejo, ele considera longamente os termos desejo e amor. Nos exemplos que ele vai buscar nas Escrituras, de casais que são “figuras de mistérios” (fala nos Patriarcas), o amor que os une não pode conter nada de Eros!

Quando deixa o nível em que ambos os parceiros são criaturas, e sobe ao nível em que o parceiro da criatura é o Criador, apoiando-se no principal mandamento, ele tem que admitir que para o homem “amar com todo o seu coração, toda a sua vontade e todas as suas forças”, terá que assumir também o que em si é Eros.

Fica claro que o amor e desejo da esposa exigem um “ordenamento” para que ela possa bem amar. Mas, quando se trata do Esposo divino, ela não pode amá-Lo menos do que pede “um amor sem medidas”.

Orígenes escreve: “amar a Deus é sem um modo, nenhuma medida, senão aquela somente, que seja apresentado a ele tudo o que se tenha”. Em resumo, um absoluto criatural, se podemos assim falar.

Desse “absoluto criatural” faz parte a carência criatural que compreendemos como a tensão do seu ser potenciado, ao pleno ser que só se realiza na união ao Criador.

O objeto do nosso amor – Deus – é que determina a liberdade de expressão: o que importa que falemos em desejo ou amor?

Ele sublinha: o que importa é que a alma seja conduzida por um amor e um desejo celestes (amore... et cupidine caelesti).

Orígenes aponta a condição de beleza originária em que a alma foi criada e reclama para a alma o auto-conhecimento, isto é, não só o conhecimento dessa beleza primeva e participada, mas também para fazer da sua condição ‘à imagem’ um perfeito reflexo da beleza fontal.

Esta beleza que a alma alcança é comentada de forma magistral pelo teólogo Urs Von Balthasar. Para tanto, ele usa o mito de Narcísio – ele diz que a alma do cristão é “*Narcise exaucé* – Narcísio atendido. Olha as águas, apaixonou-se pela beleza que vê, mas não se afoga, porque o que vê é a beleza da qual foi criado à imagem, uma imagem dinâmica que o aproxima mais e mais do seu modelo, tornando-o cada vez mais belo.

Numa das suas Homilias, Orígenes comenta: “como a minha alma deve tornar-se bela para atraí-Lo (ao Esposo) a ela...”

Parafraseando o provérbio “assim sua palavra, assim sua vida”, Eusébio de Cesaréia dirá na sua História Eclesiástica (Livro VI) que aquilo que Orígenes pregava ele o vivia, movido por uma força divina.

A força divina são as “epínoiai” do Esposo.

O que é uma “epínoia”? Atributo/força/que vem a ser o próprio Esposo presente e atuante, presença divina salvadora e transformadora.

As virtudes nunca são meros esforços morais, mas cada uma é o próprio Esposo. Em Orígenes, o aspecto moral está sempre unido ao aspecto místico. A alma percebe essa presença do Esposo, por revelação do próprio Esposo.

O Cântico começa com uma oração da esposa que implora ao Pai do Esposo, Deus, que O envie para que a beije. Ora, os beijos são a força atuante. Cada beijo é “potência com a qual Ele ilumina” o intelecto (parte mais nobre da alma e órgão da contemplação), dando-se a conhecer, revelando-se.

É como uma palavra de amor, se a Esposa a mereceu. A força divina é dom! Lembremos força/virtus/dynamis. A multiplicidade de “epínoiai” aponta o único Logos de Deus “transmutado em cada uma delas, mediante o seu amor”.

Passar da realidade corpórea à espiritual exige a força divina. Quando pecou, o homem teve os seus sentidos espirituais fechados e não podia mais captar o Esposo.

É o Esposo mesmo quem se encarnará para seduzir as almas pecadoras de volta Ele.

Todo o comentário ao Cântico descreve este jogo de sedução, uma hora por iniciativa do Esposo, outra, pela própria esposa, que se vai embelezando pela proximidade Dele.

No Cântico, as adolescentes que aparecem são interpretadas como almas que estão começando a progredir. Orígenes escreve: “Que farão (elas), quando o Logos de Deus invadir os seus ouvidos, a sua visão, o seu tato, o seu paladar, e oferecer a cada um dos sentidos, as forças que partem dele, adaptadas às suas natureza e às suas capacidades?”

No século presente, que é como ele chama este mundo, essas forças oferecidas aos sentidos espirituais, permanecem aquém da união mística perfeita, mas já são verdadeiramente as forças transformantes do Esposo.

O lugar e o meio de encontrar o Esposo é a Lectio divina. E o Esposo não se oferece a cada alma da mesma forma. Manda a lei do amor que seja atendida a necessidade de cada alma e que seja levado em conta o estágio espiritual dessa alma.

Numa palestra, não há tempo para uma consideração de todos os sentidos espirituais. Foi forçoso escolher um deles para complementar o que foi dito até aqui. Escolhi o tato espiritual.

Mãos da alma que tocam o Logos de Vida (1 Jo 1,1). Temos também braços espirituais que abraçam e a boca infundindo a Palavra através dos beijos/iluminações.

Acompanhando o Cântico, um pouco por todo o Comentário, Orígenes fala do que diz o texto sobre a intimidade dos Esposos que se tocam no poema de amor.

O Esposo agracia a Esposa com beijos e abraços, ele sustenta a sua cabeça, deita-se com ela em sua alma, repousa entre os seus seios, deixa-se ungir por suas mãos, enxugar com os seus cabelos.

O toque mais íntimo permanece a “ferida de amor (Ct 2,5) com o qual o Esposo, na sua “epínoia” de “flecha escolhida” (Is 49,2) e de “amor”, crava-se na alma.

Por sua vez, a esposa deseja tocar os seus lábios, fruir de sua boca e de seus beijos, ela reclina contra seu peito, deixa-se abraçar, deita-se com o Esposo, unge seus pés e enxuga-os com seus cabelos, recebe a sua semente e concebe dele.

O próprio Orígenes escreve, falando de sua própria experiência mística: “Se Ele me tocar...”

Por vezes o Esposo responde ao seu desejo, mas Orígenes se queixa: “Desejo, no entanto, que de novo Ele venha, e às vezes Ele vem ainda e, depois que apareceu e se deixou segurar por minhas mãos, de novo se vai...” Neste mundo, a experiência mística é intermitente.

Através do Cristo encarnado, a alma deve tentar tocar o Logos de Deus.

Há, como em todas as faculdades espirituais, um progresso no tato espiritual:

- Tocar a fímbria (do manto) do Cristo (Mt 9,20)
- Banhar seus pés com lágrimas e enxugá-los com os cabelos da sua cabeça (cf. Lc 7,44)
- Ungir a Sua cabeça com mirra (Lc 7,46)
- Reclinar-se sobre o Seu peito (Jo 13,25)

Nessas quatro passagens vemos a descrição de quatro estágios de progresso espiritual:

Tocar a fímbria do manto é o início da fé que reconhece em Jesus o seu aspecto divino sem, no entanto, tocar ainda a divindade. A fé inicial, embora não toque ainda a divindade, proclama-a. No episódio da mulher que sofre do fluxo de sangue (Lc 8,46), Orígenes comenta: “... quando as multidões comprimiam-se ao redor de Jesus que caminhava com os seus discípulos, de nenhum daqueles que o comprimiam e apertavam se diz que O tocou, senão daquela que, sofrendo de um fluxo de sangue, veio e tocou a fímbria do Seu manto, a única sobre quem Jesus dá este testemunho: ‘Alguém me tocou, pois eu senti uma força sair de mim’” (Com. Cant III,13,48).

Para Orígenes, a fé exerce atração sobre a força divina. A mulher tocou a “fímbria” do manto, não a carne santa. A cura da mulher é corporal e espiritual, mas é esta última que resulta do toque espiritual da fé.

A faculdade do tato espiritual progride da “fímbria do manto” para os pés de Jesus. A mulher que unge Seus pés “traz um toque de conversão”.

Na sua Homilia ao Evangelho de Lucas (Frag. 60), Orígenes escreve: “... a mulher e a alma imperfeitas permanecem aos pés do Cristo e perto dos membros mais humildes”.

Ainda estamos no contexto do estágio da fé que progrediu. A mulher toca Jesus com “as mãos da alma” e enxuga Seus pés “com os cabelos da alma” que são forças da alma e abundância de pensamentos produzidos pelo intelecto (a cabeça).

Portanto, neste segundo estágio, há uma purificação do intelecto e uma conversão de pensamentos.

Mas aquela que unge a cabeça do Cristo, já toca o intelecto do Esposo com o perfume das suas boas ações, em troca das quais o Esposo passa para ela o Seu perfume.

Na segunda Homilia, Orígenes identifica a mulher que unge a cabeça do Cristo, como a esposa (Mt 26,11-13), mas no Comentário, é a esposa que unge os Seus pés (Jo 12,3).

Nada muda! O que Orígenes quer indicar é que em qualquer das unções, a Graça do odor do Cristo (Ele próprio o perfume, o nardo ou o unguento), impregna as mulheres e vai beneficiar a cada uma de acordo com o seu avanço espiritual.

O tato espiritual vem acompanhado pelo olfato espiritual e a transmissão do perfume é transmissão de doutrina. O Esposo é o Cristo, o Ungido, e seu perfumista, o Espírito Santo.

A proximidade pela unção dos pés, cabeça ou corpo, é ultrapassada pela proximidade daquele que “repousa sobre o peito do Cristo” (cf. Jo 13,25; 21,21).

João repousa sobre o intelecto (nous, hegemonikon, coração) de Jesus, e nos sentidos interiores da sua doutrina, perscrutando “os tesouros de sabedoria e de ciência que estavam escondidos” no Cristo Jesus (cf. Col 2,3).

O progresso no tato espiritual é progresso em conhecimento. Da fé à purificação, da purificação à conversão de pensamento (o perfume que impregna os cabelos), da conversão de pensamentos à proximidade da cabeça (intelecto de Jesus) e deste à penetração no Seu pensamento que é o ato de repousar sobre o coração de Jesus,

Pelo tato espiritual a esposa chega à união de espírito. Mas o toque mais íntimo permanece a ferida de amor. O Pai é o arqueiro e o Filho é a flecha, O Espírito Santo ronda as almas à procura de um alvo digno.

A flecha é o Cristo enquanto Palavra. O tema da “ferida de amor” revela gozo e padecimento ao mesmo tempo, o que é próprio do amor de desejo.

Numa das suas mais belas páginas, Orígenes escreve:

“Se há alguém que, alguma vez, se abrasou neste amor fiel do Verbo de Deus, se há alguém, como diz o profeta, que recebeu a doce ferida de sua ‘flecha escolhida’ (Is 49,2), se há alguém que foi trespassado pelo dardo amoroso de sua ciência, a ponto de suspirar de desejo por ele dia e noite, de não poder falar de nenhuma outra coisa, de não querer ouvir nenhuma outra coisa, de não saber pensar em outra coisa, e não ter prazer em desejar, ou cobiçar, ou esperar senão a Ele, essa alma diz com razão: ‘Eu estou ferida de amor’ (Ct 2,5)

Esta passagem se completa com outra que vem a seguir: “convém que Deus golpeie as almas com tais feridas, trespassasse-as com tais flechas e dardos, que as fira com tais feridas salutares, para que também elas, pois que ‘Deus é amor’ (1 Jo 4,8), elas mesmas digam: ‘Porque estou ferida de amor’ (Ct 2,5).

Orígenes identifica a flecha com o esposo amado. A qualidade de amor que suscita repete a idéia de fogo (arsit) presente em todo o Comentário.

A ferida tem a qualidade de ser doce, o que caracteriza o amor onde o gozo e o padecimento se misturam (amor de desejo, passional, diríamos mesmo, amor obsessivo).

Os verbos descrevendo a ação da flecha/Esposo: trespassar, golpear, chagar, indicam a intensidade do padecimento, do qual eles dão, intencionalmente, uma imagem física, embora devam ser entendidos de forma espiritual.

Outra vez padecimento e gozo, pois as feridas são salutares. O dardo amoroso, completa a idéia da doce ferida e revela que a esposa (a alma de Orígenes, sem dúvida) ama a sua ferida, porque ama quem a produz.

A expressão ‘noite e dia’ é uma figura da totalidade do tempo, significando que, em nenhum momento, ele deixa de suspirar pelo Amado.

O suspirar mesmo, é uma queixa muda, remete à intensidade do padecimento, por causa da profundidade do amor.

A seguir, poderíamos sublinhar os estados psico-físicos a que leva uma paixão obsessiva e que transparece no texto origeniano: Total exclusividade votada ao Esposo amado; relativização de tudo o que não Lhe esteja referido; o falar, o ouvir e o pensar, não têm outro objeto senão o Amado; não desejar, cobiçar esperar, senão o Amado.

A ferida de amor é um toque mais íntimo do que os beijos. Na perspectiva do ‘conhecimento’, se os beijos são ‘iluminações’ do Verbo, ‘os dardos amorosos de sua ciência’ penetram ao fundo da alma.

Diante da ferida de amor, os beijos são efêmeros. O amor se acende no padecimento causado pela ferida, ele pede a ferida e é fruto da ferida.

A esposa já tem o Esposo presente... ainda assim, nunca deixa de desejá-Lo. Neste mundo (neste século) a alma sofre a constante intermitência da presença/ausência do Esposo. É característica da experiência mística.

A “ferida de amor” não cicatriza nunca, nem mesmo na Beatitude, pois o desejo de Deus só tende a crescer ao infinito.

Mas é possível que, então, cessem os padecimentos e só conheçamos o gozo e a doçura. É possível que o amor de desejo encontre descanso no caminho para Deus, quando a alma viajar nos braços do Esposo, elevando-se com Ele pela pura força de atração.
